

Amazônia nas curvas do tempo: desafios do passado no presente

Amazonia in the curves of time: challenges of the past in the present

Dr. Geovanni Gomes Cabral*

* Professor do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordenador do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHORI), ligado ao PPGHIST e à Faculdade de História.

Resumo: O artigo se propõe a problematizar o ensaio fotográfico denominado Amazônia Negra, produzido pelo fotógrafo piauiense e auditor fiscal do trabalho, Sérgio Carvalho, entre os anos de 1996 e 2012. Por meio de seus registros visuais, busca-se compreender as múltiplas temporalidades dessa Amazônia, historicidades e narrativas que atravessam esse território marcado por disputas territoriais, resistências e lutas pela sobrevivência. Inserida em uma confluência e intensas ações humanas, essa região tem sido, nas últimas décadas, alvo de diversos ataques: queimadas, práticas de trabalho escravo, desmatamentos e atividades de garimpo ilegal. Observar essas fotografias é percorrer sua historicidade, seus enquadramentos, suas escolhas, circulação e dimensão pública. As fotografias, aqui analisadas, permitem refletir como, em diferentes temporalidades, a Amazônia vem gritando por sobrevivência e como esse potencial imagético desafia o tempo presente.

Palavras-chave: Amazônia Negra; Fotografia Pública; Sergio Carvalho, Tempo Presente.

Abstract: This article aims to problematise the photographic essay called Amazônia Negra (Black Amazon), produced by Sérgio Carvalho, a photographer from Piauí and a labour inspector, between 1996 and 2012. Through his visual recordings, we seek to understand the multiple temporalities of this Amazon, historicities and narratives that cross this territory marked by territorial disputes, resistance and struggles for survival. Inserted in a confluence of intense human actions, this region has been the target of various attacks in recent decades: burning, slave labour practices, deforestation and illegal mining activities. To look at these photographs is to go through their historicity, their framing, choices, circulation and public dimension. The photographs analysed here allow us to reflect on how, in different temporalities, the Amazon has been crying out for survival and how this imagistic potential challenges the present.

Keywords: Black Amazon; Public Photography; Sergio Carvalho, Present Time.



Introdução

Pensar a Amazônia, nas curvas do tempo, e a sua relação com a escrita da História não é nada fácil. Tendo em vista os diversos projetos de ocupação e dominação, atrelados aos múltiplos interesses econômicos e extrativistas que silenciam ou negam a floresta, os povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas que integram sua biodiversidade. O bioma, ao que sinaliza, é percebido como um espaço geoestratégico diante da cobiça internacional e nacional com a retirada de seus recursos minerais e naturais. Assistimos, nos últimos anos, a uma política devastadora quando o assunto era a Amazônia e o meio ambiente. Presenciamos uma escalada degradação ambiental (G1, 25/10/2024), afrouxamento das fiscalizações, incentivos à expansão do agronegócio, avanço desenfreado de empresas de mineração, madeireiras e garimpo ilegal em terras indígenas (Repórter Brasil, 01/07/2024). Do mesmo modo, uma constante ameaça aos trabalhadores e trabalhadoras do campo sendo criminalizados. Todas essas questões, somadas à negação da ciência e dos efeitos climáticos, foram experienciados no governo do Jair Bolsonaro (2019-2022) com desdobramentos desastrosos para o País.

Muitas imagens fotográficas estamparam, nas primeiras páginas dos jornais, no Brasil e no mundo, o impacto climático percebido de norte a sul, seca, queimadas, baixo nível dos rios e aumento elevado da temperatura, principalmente, na região amazônica (G1, 11/09/2024). Por sua vez, essas imagens desse tempo presente dialogam com as fotografias de Sérgio Carvalho, que estabelecem conexões com essa destruição que vem sendo noticiada nesses órgãos de imprensa e redes sociais. Nesse contexto, esse fotógrafo nos apresenta um ensaio fotográfico que instiga o olhar, direciona cenas do passado que são atualizadas no presente. As fotografias, enquanto fontes visuais, carregam representações, vestígios e indícios, camadas temporais, abrindo-se a diferentes leituras, interpretações e afetividades. Os registros visuais que serão analisados, aqui, resultam de encontros inesperados, de oportunidades visuais captadas ao longo de suas viagens pelo território amazônico. Mas todas expressam uma Amazônia que já vem agonizando há muito tempo, basta recuar um pouco no tempo para verificar as políticas governamentais nomeadas “desenvolvimento” pelos militares durante o golpe de 1964. Um passado que desafia o presente, que provoca e tensiona as políticas ambientais. Desde 1996, Sérgio Carvalho atua como Auditor Fiscal e integra o Grupo Especial de Fiscalização Móvel no combate ao trabalho escravo contemporâneo, um trabalho que mudou completamente seu olhar sobre a Amazônia e sua diversidade.

As viagens de Sérgio Carvalho por diferentes regiões da Amazônia, principalmente as cidades do sudeste paraense, possibilitaram a produção de registros visuais em distintas cidades e contextos. Seus enquadramentos indiciam muito sobre suas intenções e escolhas políticas e sua sensível capacidade de dialogar com as paisagens amazônicas — paisagens essas que se apresentam como múltiplas, exuberantes, humanas, mas também marcadas por profundos contrastes, desigualdades e interesses econômicos que colocam em risco o futuro da floresta no planeta. Nesse sentido, analisar essas fotografias é refletir sobre uma Amazônia que dialoga com o presente, com práticas históricas de ocupação, migração, investimentos empresariais predatórios e exploração de seu bioma (Atlas da Amazônia, 2025).

As fotografias utilizadas nesse artigo foram expostas no *Festival de Fotografia Encontros de Agosto – Territórios e Identidade*, realizado em Fortaleza/CE. O contexto de sua publicação ocorreu em um momento marcado por sucessivos ataques à floresta e à vida, levado a cabo durante o governo do presidente Jair Bolsonaro. O País enfrentava a pandemia da covid-19 com todos os desafios e o negacionismo da ciência; este último foi ponto norteador de todo o governo. Um desmonte da ciência e das políticas ambientais. Interessante que, mediante esse cenário “caótico”, Sérgio Carvalho nomeou a exposição de *Amazônia Negra*, tensionando o olhar.

A escolha desse título fez surgir algumas inquietações: por que o fotógrafo nomeou esse conjunto de imagens de *Amazônia Negra*? Que passados/presente pode-se encontrar nessas fotografias? Que Amazônia está sendo representada nesses enquadramentos? Que mensagem pode-se encontrar nesse campo visual? Essas e outras questões integram o campo investigativo a que este estudo se propõe. É importante destacar que essas reflexões fazem parte das atividades desenvolvidas no âmbito do Laboratório de História Oral e Imagens (LABHORI), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Neste texto, foram selecionadas seis fotografias por documentarem, de forma emblemática, as intenções do fotógrafo e representarem com força expressiva o campo visual da Amazônia retratada. A fotografia, nesse contexto, enquanto fonte histórica, mantém esse elo temporal entre o ontem e o hoje, tecida entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativas”, dialogando com as categorias históricas de Reinhart Koselleck (2006).

“Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta”

Ao me deparar com as imagens de Sérgio Carvalho, em sua página no Instagram (@sergiocarvalho_fotografia), fui imediatamente impactado pela estética apurada de suas fotografias — especialmente pela maneira com que os tons de cinza e preto se espalham, compondo uma atmosfera densa e expressiva. As imagens fotográficas despertaram em mim uma profunda reflexão sobre esse vasto território amazônico de beleza incomparável, mas também marcado por inúmeros enfrentamentos e disputas por suas riquezas. Recordo que, antes de chegar em Marabá (PA), não tinha “leituras” da complexidade desse território. Sabia dos desafios: a exploração predatória, os conflitos agrários, as lutas históricas de camponeses, indígenas, seringueiros, quilombolas, castanheiros e ribeirinhos diante de um modelo de progresso que pouco os contemplavam. Trazia comigo, no entanto, a memória da letra da música *Saga da Amazônia*, de Vital Farias, composta para o disco *Cantoria I* — projeto que uniu Elomar, Geraldo Azevedo, Xangai e o próprio Vital Farias em 1984. Foi ao chegar no estado do Pará que passei a compreender, de forma mais exata, o sentido daquelas estrofes e da defesa política que os cantadores faziam com suas violas nos teatros e festivais. Interessante perceber que a letra já sinalizava a destruição, isso na década de 1980, sem contar as décadas anteriores. Anos se passaram e os problemas só aumentaram com outras proporções.

Toda a mata tem caipora para a mata vigiar
Veio caipora de fora para a mata definhar
E trouxe dragão de ferro pra comer muita madeira
E trouxe em estilo gigante pra acabar com a capoeira
Fizeram logo o projeto sem ninguém testemunhar
Pra o dragão cortar madeira e toda mata derrubar
Se a floresta, meu amigo, tivesse pé pra andar
Eu garanto, meu amigo, que o perigo não tinha ficado lá
(Vital Farias, 1984)

A letra da canção é extremamente potente e estabelece um diálogo direto com a percepção crítica e destrutiva da Amazônia que, ainda hoje, mantém-se viva sob os múltiplos interesses produtivos e capitalistas. Nas fotografias, pode-se perceber como a letra dialoga com as intenções e os enquadramentos de Sérgio Carvalho; mesmo sendo registros de viagens “quase aleatórias”, percebe-se uma estratégia visual, uma intenção em torno de denúncia ou do que está por vir. Apesar dos 41 anos que se passaram desde sua composição, ela continua

atual — tão atual quanto a obra *Banzeiro òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo* (2021), da jornalista Eliane Brum. Em seu trabalho investigativo, Brum denuncia o avanço acelerado rumo a um ponto de não retorno para a floresta e para as formas de vida que habitam o norte do País. Um dos conceitos centrais que ela desenvolve ao longo do livro é o de “existir violentamente”, expressão que condensa suas inquietações diante da devastação, da sua indignação e do clamor por justiça. Trata-se de um grito de alerta urgente frente à destruição que se arrasta por anos na região.

Em consonância com as reflexões de Eliane Brum (2021), diversas pesquisas têm apontado para um estado de alerta constante em relação à situação ambiental da Amazônia — um alerta que permanece no vermelho. No Brasil, esse cenário se agravou, significativamente, durante o governo de Jair Bolsonaro (como já mencionado em tela) marcado por um evidente descaso com a agenda ambiental. Um exemplo simbólico desse abandono foi a ausência do presidente na COP-25, conferência climática da Organização das Nações Unidas (ONU) realizada em Madri, em dezembro de 2019, conforme noticiado pelo *Correio Braziliense* em 02/12/2019, sob o título “Com o Brasil sob pressão, Bolsonaro não vai à conferência da ONU”. Em seu lugar, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, participou do evento adotando posturas controversas e descompromissadas com as urgências climáticas. Poucos meses depois, já durante a pandemia da covid-19, o mesmo ministro protagonizou um dos episódios mais emblemáticos do desmonte ambiental. Em reunião com integrantes do alto escalão do Governo Federal, defendeu “passar a boiada” e modificar a legislação ambiental enquanto a atenção da mídia e da sociedade estava voltada à crise sanitária da pandemia. A declaração, divulgada pelo *Portal G1* sob o título “Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto a atenção da mídia está voltada para a Covid-19”, gerou forte repercussão nacional e internacional (G1, 22/05/2020). Por decisão do ministro do STF, Celso de Mello, o vídeo da reunião foi tornado público, revelando de forma explícita a intenção deliberada de flexibilizar as normas ambientais e avançar sobre o território amazônico.

Como diz o ditado popular “para bom entendedor, meia palavra basta”, a mensagem implícita nas ações do governo era clara: dispensam-se Congresso, leis e regulamentações — basta agir enquanto os olhos do País e do mundo estão voltados para a pandemia. Durante esse processo de desmonte da política ambiental, as narrativas oficiais foram marcadas por negação sistemática, como se nada estivesse acontecendo. Em resposta à condução irresponsável da política ambiental brasileira, países parceiros, como Noruega e Alemanha,

decidiram suspender seus repasses ao Fundo Amazônia, criado, justamente, para financiar ações de preservação da floresta. Repasses que depois foram estabelecidos no governo do presidente Luís Inácio da Silva (Mapa de Conflitos, 2023). Diante desse contexto, o cenário não poderia ser outro: aumento expressivo do desmatamento, avanço do agronegócio e do garimpo ilegal, invasões em terras indígenas e, em casos extremos, morte de diversos yanomami em decorrência direta dessas práticas predatórias. Os dados divulgados pelo Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon, 18/01/2023) são alarmantes: apenas em 2022, a Amazônia perdeu o equivalente a quase 3 mil campos de futebol por dia devido aos incêndios florestais — uma devastação comparável a quase 15 anos de desmatamento acumulado.

Ao analisarmos os dados por estado, a situação torna-se ainda mais preocupante; dentro da área da Amazônia Legal, os maiores índices de desmatamento foram registrados no Pará (3.874 km²), seguido pelo Amazonas (2.575 km²) e pelo Mato Grosso (1.604 km²). Esses números refletem um ritmo acelerado de destruição desde 2019. Projeções indicam que, se medidas efetivas não forem adotadas, o desmatamento na região poderá ultrapassar a marca de 11 mil km². Apesar desse cenário alarmante, há sinais de esperança com o atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Na COP-27, realizada no Egito, no final de 2022, já como presidente eleito Lula afirmou que o combate às mudanças climáticas e ao desmatamento será uma das prioridades de sua gestão. Essa postura foi reforçada pelas declarações da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, durante o Fórum Econômico Mundial na Suíça — posicionamento que gerou repercussão positiva no cenário internacional (DW, 17/01/2023). Como reflexo dessa mudança de abordagem, o Fundo Amazônia voltou a receber aportes financeiros da Alemanha e da Noruega, sinalizando uma retomada das parcerias estratégicas e um novo olhar para a política ambiental brasileira.

Amazônia Negra, diálogo temporais

As informações destacadas anteriormente procuraram traçar um panorama que convida à reflexão sobre a complexidade do território amazônico e seus desafios. Nessa perspectiva, elas também nos ajudam a perceber como as fotografias de Sergio Carvalho representam e dialogam com esses dados percentuais. Seus registros exigem um olhar cuidadoso sobre os detalhes, os enquadramentos e as camadas de sentido que suas imagens propõem. A “Saga da Amazônia”, presente na letra da canção mencionada, parece ganhar

forma visual nas curvas da chamada *Amazônia Negra*, capturadas pela lente do fotógrafo que não hesitou em enquadrar o que já se anunciava como uma tragédia em curso. Em suas idas e vindas pela região, Sérgio Carvalho nos oferece não apenas retratos da floresta e de seus habitantes, mas também da destruição, da ausência e da solidão que atravessa muitos dos corpos registrados. Como ele próprio relatou em entrevista concedida ao LABHORI, em novembro de 2022:

Amazônia Negra é um recorte das idas e vindas do fotógrafo pelas estradas amazônicas. No ensaio, o verde é substituído pelos tons escuros do carvão, da floresta queimada, das estradas intermináveis ou de uma escadaria na margem do Rio Tocantins. A paisagem capturada é densa e pesada. A presença humana não preenche o vazio da solidão amazônica (Carvalho, 2022).¹

O relato do fotógrafo revela que seu ensaio não foi fruto de um planejamento rígido, mas resultado de registros espontâneos realizados ao longo de suas andanças pela Amazônia. Imagens que, pouco a pouco, ganharam força e se tornaram fundamentais para problematizar o espaço, a geografia amazônica e a realidade das cidades isoladas, muitas das quais conectadas por uma única estrada ou rio. Como ele mesmo descreve, “o verde é substituído pelos tons escuros do carvão, da floresta queimada” (Figura 1) — cenário em que o céu contrasta com uma castanheira solitária que parece gritar por socorro, enquanto uma estrada corta a paisagem em meio à devastação programada, destinada a abrir espaço para a pecuária extensiva e o cultivo de soja. Essa pecuária, com a criação de gado bovino, é o grande propulsor do desmatamento da Amazônia. De acordo com o levantamento do *Brasil de Fato*, só no estado do Pará houve um crescimento de 9,79% nos últimos 10 anos. Dos 20 estados com maior criação de gado, oito estão na Amazônia Legal, isso gerando uma reação em cadeia com a derrubada da floresta por madeireiros, pelo agronegócio e pela monocultura da soja (Brasil de Fato, 02/08/2018). A Figura 2 sinaliza essa dimensão.

Trata-se de um processo que Alfredo Wagner Berno de Almeida e Rosa Acevedo Marin (2010) conceituam como “agroestratégias” as ações deliberadas de agentes do agronegócio voltadas à desterritorialização e à incorporação da terra a seus empreendimentos produtivos. Nesse contexto, lembro-me das palavras de Boris Kossoy (2014, p. 48): “toda fotografia tem atrás de si uma história... toda fotografia é um resíduo do passado”. De fato, as imagens capturam fragmentos do passado, mas um passado que se projeta no presente, evidenciado pelo avanço contínuo do desmatamento e pela ocupação desordenada da floresta.

¹ CARVALHO, Sérgio. [Entrevista concedida a] Geovanni Cabral, Marabá, 28 de novembro de 2022.

Na fotografia em que a castanheira se destaca no centro, é impossível não visualizar a estrada de barro que corta uma possível área de floresta sem se perguntar: para onde nos levarão essas ações destrutivas? Registradas entre 1996 e 2012, em momentos distintos, elas se articulam em um poderoso ensaio documental capaz de narrar, silenciosamente, uma história de resistência, perda e alerta.



Figura 1: O vazio na floresta. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho.



Figura 2: Criação de gado bovino extensivo. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho.

Não se trata, aqui, de afirmar que as fotografias que compõem esse campo visual, com sua riqueza de significados, foram captadas ao acaso — muito pelo contrário. A intencionalidade de Sérgio Carvalho é nítida na construção desse tecido imagético. Suas andanças com a câmera não apenas potencializam um olhar técnico e estético, mas também traduzem um repertório carregado de signos, emoções, afetos e, sobretudo, um profundo

compromisso ético com a floresta e com a vida que nela pulsa. Cada registro carrega consigo essa motivação sensível e politizada.

Nas próximas imagens, isso se evidencia com mais força. Na terceira, vemos um cemitério em meio à mata onde o fotógrafo fez questão de centralizar a cruz em seu enquadramento (Figura 3). Um clarão rasga a densidade da floresta, revelando sepulturas, covas, cruzeiros — um espaço de silêncio marcado por mistérios, dores e lágrimas. Essa cruz, colocada no coração da Amazônia, torna-se símbolo dos que tombaram na luta por justiça, dignidade e direitos humanos: seringueiros, indígenas, camponeses, freiras, padres, homens e mulheres que defenderam seus direitos e foram brutalmente silenciados, muitas vezes, pela violência armada e pela pistolagem (Pereira; Guimarães Neto, 2020). Na quarta imagem (Figura 4), em contraste com essa cena de morte, o fotógrafo registra um caminhão de mudança — uma imagem que sugere deslocamento, migração, ocupação, transição, mudança, chegada ou partida. Compondo outro capítulo dessa narrativa visual da Amazônia em transformação.



Figura 3: A triste partida 1. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho.



Figura 4: Triste partida 2. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho.

A cena é familiar nas estradas da Amazônia: a partida, a mudança em busca de outros lugares, de novas possibilidades de sobrevivência, o sonho trilhado em “horizontes de expectativas”. A região também é terra de migrantes, de deslocamentos forçados ou voluntários em meio a um cenário de transformação contínua (Pereira; Montysuma, 2025). Na fotografia, um rapaz sobre uma motocicleta observa a câmera com um olhar que parece mesclar surpresa e desconfiança — talvez também admiração. Ao fundo, o enquadramento destaca um cenário marcado pelo desmatamento: árvores isoladas despontam no pasto, como vestígios de uma floresta que ali existiu. No lugar da mata densa, resta uma vegetação rasteira, empobrecida, que denuncia a erosão do território e o avanço da degradação ambiental.

Na entrevista concedida em 3 de fevereiro de 2023, ao refletir sobre o campo visual da chamada *Amazônia Negra*, Sérgio Carvalho destacou a presença recorrente da cruz — símbolo central do cristianismo — em sua memória e em sua produção imagética. Esse signo ganha ainda mais força quando ele evoca o massacre de Eldorado dos Carajás, ocorrido em 1996 (Afonso, 2016), episódio que marcou profundamente sua trajetória e sensibilidade visual. A cruz, nesse contexto, não apenas o acompanha, mas atravessa e ressignifica outros de seus trabalhos, assumindo diferentes leituras sobre o mundo e a vida. Um exemplo notável é a série *Santo Sertão* (2021), em que o fotógrafo reúne imagens que capturam a expressividade da fé sertaneja, reafirmando a cruz enquanto elemento simbólico que transita entre territórios, crenças e resistências.

O cemitério na Amazônia tem forte significado. Quando eu vejo cruzeiros, eu lembro do massacre de Eldorado dos Carajás. E sempre me recordo, e me leva para aquela tragédia. O Massacre aconteceu em abril de 1996 e eu passei pelo local um mês

depois. Ainda sentíamos no ar o cheiro da morte, da dor, do sangue. Para mim, cada imagem, te leva algum acontecimento que você já viveu ou já ouviu falar e o massacre de Eldorado foi muito forte. E estar no Pará, na região amazônica, é sempre, muito significativo. E essa Cruz está postada de uma forma muito forte na entrada do cemitério, e como eu faço um trabalho relacionado à fé sertanejas, imagens terminam e se encontram para criar um outro significado (Carvalho, 2023).²

No próximo conjunto de imagens fotográficas, destaca-se um tema especialmente sensível para o olhar de Sérgio Carvalho: o trabalho escravo contemporâneo. Essa prática criminosa é caracterizada por situações, como cerceamento da liberdade, servidão por dívida, condições degradantes de trabalho e jornadas exaustivas — elementos que, isolados ou combinados, configuram o crime (Sakamtoto, 2020; Figueira, 2020). Por atuar diretamente no registro dessas ações de resgate e denunciar as violências extremas contra a dignidade humana, Sérgio busca, em cada fotografia, evidenciar a degradação, a exploração e a forma com que esses trabalhadores — majoritariamente homens — são reduzidos à condição de mercadoria diante de seus empregadores (Cabral, 2023). Nesse contexto, a fotografia adquire uma dimensão pública e política, inserida nos circuitos sociais de produção, circulação, consumo e mediação de significados, como destaca Ana Maria Mauad (2018). As imagens da *Amazônia Negra* tornam-se, assim, documentos visuais que transcendem a autoria e passam a ocupar múltiplos espaços: páginas de revistas, relatórios, processos judiciais, livros e redes sociais. Elas se impõem pelo impacto que produzem, ressaltando não apenas a violência sofrida, mas também a historicidade inscrita nos corpos retratados — marcas de um processo que a fotografia, em sua função documental, denuncia e torna visível, provocando o olhar e a consciência pública sobre o absurdo da permanência da escravidão em pleno século XXI.

As fotografias apresentadas a seguir (Figuras 5 e 6) compõem um retrato contundente da exploração humana e da devastação ambiental na Amazônia. Na primeira imagem, vemos três homens envolvidos na produção de carvão vegetal, em uma área completamente desmatada, com um forno operando intensamente ao fundo. Um dos trabalhadores em destaque desce uma escada improvisada com o cesto vazio, provavelmente, abastecendo algum caminhão — possivelmente cortado no enquadramento feito pelo fotógrafo. O gesto de equilíbrio necessário para descer é o mesmo que será exigido na subida, agora com um cesto carregado de carvão sobre os ombros, revelando a dureza física e simbólica do trabalho. Já na segunda imagem (Figura 6), o registro foca diretamente em uma situação de trabalho

² Carvalho, Sérgio. [Entrevista concedida a] Geovanni Cabral, Marabá, 3 de fevereiro de 2023.

escravo ligada à derrubada da floresta. O cenário é de devastação: árvores tombadas por motosserras, trabalhadores sem qualquer tipo de proteção ou equipamento de segurança, bebendo água de um recipiente de procedência incerta. Um deles, em especial, aparece com a mão apoiada sobre um tronco, olhando fixamente para o chão — um gesto que pode expressar incredulidade ou alívio diante do resgate realizado pelo Grupo Móvel. Essa fotografia, em particular, convida à reflexão sobre a precariedade da vida e a vulnerabilidade dos corpos submetidos ao trabalho compulsório. No livro, um dos capítulos que escreve junto com outros auditores fiscais — *Resgates: combate ao trabalho escravo contemporâneo* (2021) — Sérgio Carvalho narra a emoção de testemunhar esses resgates e o alívio em ver trabalhadores retornando para suas casas. Suas imagens não apenas documentam, mas também problematizam e denunciam, constituindo uma forma visual de justiça e memória.



Figura 5 - Vidas exploradas, a escravidão enquadrada. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho



Figura 6 - Vidas precárias. **Fonte:** Acervo Sérgio Carvalho.

O ensaio fotográfico de Sérgio Carvalho nos convida a repensar a Amazônia para além dos estereótipos que a reduzem a uma floresta exuberante povoada por animais exóticos, cidades de culinária abundante à base de peixes, rios caudalosos e paisagens intocadas — muitas vezes descritas como um Éden tropical à imagem do paraíso bíblico do Gênesis. Essa narrativa idealizada persiste em diversos discursos, construindo uma imagem paradisíaca da região. No entanto, a realidade é muito mais complexa e dura. As narrativas hegemônicas, frequentemente, silenciam o que é essencial: a Amazônia humana marcada por desigualdades profundas, pelo avanço do agronegócio e do garimpo ilegal e pela ganância desenfreada por terra e lucro, alimentada por empresários e setores políticos locais. Ao lado de uma biodiversidade impressionante e de um sistema hídrico sem igual, coexistem a destruição ambiental, a fome, a miséria e o trabalho escravo — experiências vividas por homens e mulheres explorados em condições precárias em luta por dignidade e respeito.

Os desafios no presente aumentam com a COP-30, a Conferência da ONU sobre as Mudanças Climáticas de 2025, que será realizada na capital do estado do Pará, Belém, principalmente porque, segundo um levantamento publicado pela *BBC News* e assinado por especialistas da revista *Science*, “Como anfitrião, o Brasil não está liderando pelo exemplo” (*BBC News*, 20/03/2025). A reportagem aponta alguns problemas de ordem política que contradizem as investidas para se pensar em mudanças climáticas, como incentivo à plantação de soja, abertura de novas rodovias e estudos para exploração de petróleo ou gás. Percebe-se que são impactos catastróficos, como aumento do efeito estufa, destruição de biomas e desmatamento acelerado. Não é questão de sediar a conferência e receber os líderes mundiais e demais delegações, mas de impactar a vida do País e do planeta, podendo levar à perda definitiva da floresta. Portanto, as fotografias da *Amazônia Negra*, não apenas “gritam por socorro” em um tempo passado, mas também mostram que a região permanece com velhos e novos desafios no presente.

Considerações Finais

As fotografias de Sérgio Carvalho lançam luz sobre essa *Amazônia Negra*, revelando um território que arde, que grita, que exige um olhar atento e problematizador. Seus registros compõem um campo visual de denúncia que não apenas documenta, testemunha, mas também convoca à ação, à justiça e à memória. É uma Amazônia que vai se perdendo a cada ano, corroída pela ganância; onde vidas são tombadas em nome de um progresso vazio. Diante

desse cenário, somos impulsionados a questionar sobre esse bioma e sua diversidade: o que fazer para preservar essas múltiplas vidas? Como “colorir” essa *Amazônia Negra*, devolvendo-lhe cor, vida e beleza sem ignorar o alerta diante dos impactos ambientais? Já não é mais possível adiar; o tempo da natureza percorre outras curvas, outras dimensões temporais. A beleza natural da floresta contrasta violentamente com as ações predatórias que a assolam. Não é normal — e nunca será — aceitar passivamente que “a boiada passe”. É urgente navegar por esses rios, proteger seus ecossistemas, cuidar da vida em todas as suas formas. O tempo é agora.

As imagens de Sérgio documentam uma *segunda realidade* — aquela que muitas vezes nos escapa, mas que se impõe nas páginas dos jornais, nas denúncias internacionais, nas resistências dos povos originários contra as ações predatórias e avassaladoras. Não é admissível que um país naturalize por mais de quatro décadas a *Saga da Amazônia* enquanto alimenta uma fome insaciável de destruição, permeada de interesses políticos e econômicos. É preciso enfrentar essa violência na Amazônia, frear as máquinas e motores, frear as investidas do agronegócio sobre a floresta, potencializar a vida e sua diversidade. Quem sabe essa COP-30, em múltiplos “horizonte de expectativas”, possa proporcionar novos olhares e ações para o bioma amazônico e o planeta. Viver é preciso!

Referências bibliográficas

Fontes

Acervo Fotográfico de Sérgio Carvalho.

Documento Sonoro

Saga da Amazônia. Intérprete: Vital Farias. Compositor: Vital Farias. *In: Cantoria*. Intérprete: Elomar, Geraldo Azevedo. Vital Farias, Xangai. Rio de Janeiro, Kuarup Discos, 1984. 1CD. Faixa 11.

Entrevistas

Carvalho, Sérgio. **[Entrevista concedida a]** Geovanni Cabral, Marabá, 28 de novembro de 2022.

Carvalho, Sérgio. **[Entrevista concedida a]** Geovanni Cabral, Marabá, 03 de fevereiro de 2023.

Endereços eletrônicos

Biernath, André. COP 30: as duras críticas às políticas ambientais do Brasil publicados em importante jornal científico. **BBC News**, 20/03/2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2x13zv0ejo> Acesso em 12 mai. 2025.

Cabral, G. G. Trabalho escravo contemporâneo e visualidade: fotografia e práticas do olhar. **Acervo**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 1–20, 2023. Disponível em: <https://revistaacervo.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1915>. Acesso em 16 mai. 2025.

Dianni, Claudia; Kafruni, Simone. Com o Brasil sob pressão, Bolsonaro não vai à conferência da ONU. **Correio Brasiliense**, 02/12/2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/12/02/interna_politica,810711/com-brasil-sob-pressao-bolsonaro-nao-vai-a-conferencia-climatica-da-o.shtml. Acesso em 24 fev. 2023.

DW. Marina reafirma compromisso do Brasil com o Meio Ambiente. 17/01/2023. Marina reafirma compromisso do Brasil com o Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/em-davos-marina-silva-reafirma-compromisso-do-brasil-com-o-meio-ambiente/a-64417060> Acesso em 10 mai. 2025.

G1. Globo. **As oito imagens mais impressionantes da seca e das queimadas no Brasil**. 11/09/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/09/11/as-8-imagens-mais-impressionantes-da-seca-e-das-queimadas-no-brasil.ghtml> Acesso em: 11 set. 2024.

G1. Globo. **Ministro do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19**. 22/05/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 24 fev. 2023.

Guimarães, Juca. Criação de gado, devasta a Amazônia e abre caminho para o agronegócio. Brasil de Fato, 02/08/2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/08/02/criacao-de-gado-devasta-amazonia-e-abre-caminho-para-o-agronegocio/> Acesso em: 16/05/2025.

IMAZON. **Amazônia perdeu quase 3 mil campos de futebol por dia de floresta em 2022, maior desmatamento em 15 anos**. 18/01/2023. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/amazonia-perdeu-quase-3-mil-campos-de-futebol-por-dia-de-floresta-em-2022-maior-desmatamento-em-15-anos/>. Acesso em 3 mar. 2023.

Maes, Jéssica. Amazônia e cerrado tem desmatamento recorde em fevereiro. **Folha de São Paulo**, 10/03/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/03/amazonia-e-cerrado-tem-desmatamento-recorde-em-fevereiro.shtml>. Acesso em 1 mar. 2023.

Mapa De Conflitos. **O garimpo ilegal e o genocídio yanomami**. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rr-invasao-de-posseiros-e-garimpeiros-em-terra-yanomami/> Acesso em: 11 maio 2025.

Pereira, Airton dos Reis; Montysuma, Marcos Fábio Freire. Lutando por terra: migração, acampamentos e ocupações de terras na Amazônia paraense. **Diálogos**, Maringá-PR, Brasil, v. 28, n. 2, p. 107-128, mai./ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/73812> Acesso em 12 mai. 2025.

Potter, Hyury. Avanço de garimpo em terras indígenas alerta para novos meios de lavagem de ouro. **Repórter Brasil**, 01/07/2024. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2024/07/garimpo-terras-indigenas-alerta-novos-meios-lavagem-ouro/> Acesso em 12 mai. 2025.

Bibliografia

Afonso, José Batista Gonçalves. **O massacre de Eldorado dos Carajás e a luta do movimento camponês pela terra no sul e sudeste do Pará**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA). Marabá, 2016.

Almeida, Alfredo Wagner Berno de; Marin, Rosa Acevedo. Campanhas de desterritorialização na Amazônia: o agronegócio e a reestruturação do mercado de terras. In: Bolle, Willi; CASTRO Edna; Vejmelka, Marcel (org.) **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

Brum, Eliane. **Banzeiro ókotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Cabral, G. G. Trabalho escravo contemporâneo e visualidade: fotografia e práticas do olhar. **Acervo**, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 1–20, 2023. Disponível em: <https://revistaacervo.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1915>. Acesso em 16 mai. 2025.

Carvalho, Sérgio. **Santo Sertão**. Fortaleza: Quarteto Foto Editorial, 2021.

Carvalho, Sérgio. Trabalho escravo e fotografia: pequenos relatos vividos no Grupo Móvel. In: Ribeiro, Cláudia; Campos, Marcelo; Leitão, Márcio (org.). **Resgates: combate ao trabalho escravo contemporâneo no Brasil**. Belo Horizonte: RTM, 2021.

Dolce, Julia; Montenegro, Marcelo, Shoenenberg, Regine (org). **Atlas da Amazônia**. Rio de Janeiro: Fundação Heirich Böll, 2025.

Figueira, Ricardo Rezende. O trabalho escravo após a Lei Áurea. In: Sakamoto, Leonardo (org). **Escravidão Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2010.

Koselleck, Reinhart. **Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Mass; Carlos Almeida Pereira. Revisão de tradução: César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006.

Kossoy, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

Mauad, A. M. Imagens em fuga: considerações sobre espaço público visual no tempo presente. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 252 - 285, 2018.

Pereira, Airton dos Reis; Guimarães Neto, Regina Beatriz. Conflitos no campo e práticas de violência: Amazônia. *In*: Dezemone, Marcus; Fontes, Edilza (org.). **História oral e conflitos rurais**: memórias de lutas. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2020.

Sakamoto, Leonardo. O trabalho escravo contemporâneo. *In*: Sakamoto, Leonardo (org.). **Escravidão Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2010.